

## DISCURSOS SOBRE O OUTRO, VOZES DA EXPERIÊNCIA:

### A MEMÓRIA ENTRE PALAVRAS E IMAGENS

#### *DISCOURSES ABOUT THE OTHER, VOICES OF EXPERIENCE:*

#### *THE MEMORY BETWEEN WORDS AND IMAGES*

Viviane da Silva Dutra<sup>1</sup>

Rosane Maria Cardoso<sup>2</sup>

**Resumo:** O Peru, durante o conflito armado interno (1980-2000), viveu a intensidade de uma guerra sem precedentes entre o Estado e o grupo revolucionário Sendero Luminoso. As interpretações a respeito do horror sofrido pela população têm gerado uma verdadeira batalha de memórias por parte de diversos setores oficiais e também por áreas do conhecimento, incluindo a literatura. Contudo, nesses olhares, nem sempre aparece a experiência de quem, de fato, viveu a situação. Em 2005, Edilberto Jiménez publicou o livro *Chungui: violencia y trazos de memoria*. Na obra, o antropólogo acompanha relatos dos sobreviventes da região de Chungui, uma das mais afetadas pelo conflito, e cria imagens nas quais busca representar as situações narradas. Este artigo discute o entrelaçamento das narrativas trazidas por esses narradores, as imagens de Jiménez, os discursos oficiais e literários. Nosso objetivo é refletir sobre o quanto palavras e imagens podem ou não expressar o vivido, construindo experiências e subjetividades. Ao mesmo tempo, destacamos o papel das vozes periféricas ante o peso da história oficial e/ou oficializada.

**Palavras-chave:** Violência. Memória. Narrativa. Experiência.

**Abstract:** Peru, during the internal armed conflict (1980-2000), lived the intensity of an unprecedented war between the State and the revolutionary group Sendero Luminoso. The interpretations about the horror suffered by the population has created a real battle of memories by several official sectors and even by areas of knowledge, including literature. However, in these looks, not always appears the experience of who, indeed, lived the situation. In 2005, Edilberto Jiménez published a book *Chungui: violencia y trazos de memoria*. In the work, the anthropologist follows reports from survivors from the region of Chungui, one of the most affected by the conflict, and creates images in which searches to represent the narrated situations. This article discusses the interweaving of the narratives brought by these narrators, the images of Jiménez, the official and the literary discourses. Our aim is to reflect about how words and images can or cannot express the lived, building experiences and subjectivities. At the same time, we highlight the role of the peripheral voices in front of the weight of the official history and/or officially recognized.

**Keywords:** Violence. Memory. Narrative. Experience.

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, área de concentração - Leitura: estudos linguísticos, literários e midiáticos. E-mail: vivisdutra@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Letras pela PUCRS. Atualmente, é professora-visitante na FURG e Professora-colaboradora do PPGL/UNISC. E-mail: cardoso.rosanem@gmail.com

*Estos y aquellos nos olvidaron secularmente  
no existíamos para nada en su mapa presupuestal.  
Nos habían insultado de incultos  
que en la identidad nacional no entraríamos ni a balas.*<sup>3</sup>

M. M. Richter

## **Introdução**

Neste texto, discutimos o conflito armado interno peruano, ocorrido entre 1980 e 2000, e as memórias sobre aquele período em que a população viveu a intensidade de uma guerra sem precedentes entre o Estado e o grupo revolucionário Sendero Luminoso. As interpretações a respeito do horror sofrido pela população têm gerado uma verdadeira batalha de memórias por parte de diversos setores oficiais e também por áreas do conhecimento, incluindo a literatura e a arte em geral. Contudo, nesses olhares, nem sempre aparece a experiência de quem, de fato, viveu a situação.

Em 2005, Edilberto Jiménez publicou o livro *Chungui: violencia y trazos de memoria*. Na obra, o antropólogo acompanha relatos dos sobreviventes da região de Chungui, uma das mais afetadas pelo conflito, e cria imagens nas quais busca representar as situações narradas. Este artigo discute o entrelaçamento das narrativas trazidas por esses narradores com as imagens de Jiménez, os discursos oficiais e as narrativas literárias contemporâneas. Nosso objetivo é refletir sobre o quanto palavras e imagens podem expressar o vivido, construindo experiências e subjetividades. Ao mesmo tempo, destacamos o papel das vozes periféricas ante o peso da história oficial e/ou oficializada. Neste campo, questionamos o papel da memória enquanto um construto político e midiático.

## **Sobre *La guerra sucia***

Embora o nosso contexto de estudo seja *La guerra sucia* (1980-2000) entre governo e os denominados terroristas, a história peruana, em consonância com a história latino-americana, é marcada pela violência política e social. Nessa sistematização da violência, o grupo mais afetado compreende a população da serra, ou andinos, foco da desigualdade agravada pelo preconceito que vem desde a conquista e que se mostrou

---

<sup>3</sup> “La palabra de los muertos o Ayacucho en la hora nona” é um poema de Marcial Molina Richter, escrito em 1988. O tema principal é a busca por uma identidade cultural que, em vez de negar o conflito, o incorpore (UBILLUZ; HIBBETT; VICH, 2009).

especialmente severa durante o período referido. A região mais afetada foi Ayacucho, parte do país onde se concentram as famílias mais pobres e de cultura andina.

No entanto, em 1959, pareceu haver certa esperança para a comunidade serrana, com a reabertura da Universidade Nacional San Cristóbal, em Huamanga, cidade central do Andes peruanos, na região de Ayacucho<sup>4</sup>. Em 1962, a universidade escolhia o professor de filosofia Manuel Rubén Abimael Guzmán Reinoso como reitor. Pautado pela ideia de minorar as diferenças sociais e econômicas existentes no país, Abimael Guzmán idealizou o Partido Comunista do Peru-Sendero Luminoso (PCP-SL), cuja proposta era retomar o caminho político-filosófico de José Carlos Mariátegui (1894-1930), que sugeria uma revolução violenta com base no armamento campesino. Para Guzmán, ser marxista no Peru exigia “se sujeitar à luta armada” (RÉNIQUE, 2009).

Inicialmente, a luta por igualdade de condições atinha-se a debates acadêmicos em universidades. Foi na década de 1970 que o Sendero Luminoso (doravante SL) passou a ações subversivas diretas contra o governo, tendo por base a região de Ayacucho. A falta de perspectiva de um futuro melhor levou muitos jovens camponeses a seguirem o SL e suas promessas de mudanças. Também os camponeses apoiaram, a princípio, os ideais senderistas. No entanto, logo constataram o desprezo pelas tradições andinas e sentiram os métodos brutais para controlar a população, assim como o descaso ante o fato de o povo da região estar entre fogo cruzado. A partir de meados do ano de 1980, o grupo tomou as armas, iniciou ataques e ampliou consideravelmente o raio de abrangência de suas investidas. É conhecido o episódio sobre os cães mortos pendurados em postes no centro da cidade de Lima<sup>5</sup>. Este foi um sinal claro das intenções do SL que visava a um golpe de Estado que, em tese, colocaria o povo no poder:

Sendero Luminoso, tras cierto apaciguamiento de sus acciones, inició lo que consideraba su ofensiva final contra el “Estado fascista”, llegando a controlar varias regiones del país. En las universidades públicas, colegios nacionales, fábricas y asentamientos humanos marginales logró reclutar jóvenes militantes que veían totalmente bloqueado su ascenso social y creían encontrar en Sendero Luminoso una identidad política y una tarea mesiánica que los investía con un proyecto de futuro. Sendero Luminoso se alió con el narcotráfico en la selva, lo que le dotó de recursos económicos y logísticos bastantes para equiparse de moderno armamento ligero, incrementando su capacidad de fuego. [...] Las fuerzas Armadas respondían muchas

<sup>4</sup> Conhecer a localização do berço do senderismo é essencial para compreender os desdobramentos da guerra e a fúria com que o estado atacou a população serrana, pressupondo que, pela ligação territorial, os camponeses estivessem mancomunados com os terroristas.

<sup>5</sup> No dia 26 de dezembro de 1980, cachorros mortos apareceram pendurados em postes de algumas esquinas do centro de Lima, ato que “oficializou” as ações terroristas do SL.

veces con palos de ciego, desencadenando una guerra sucia que inicialmente registró unos veinticinco mil muertos, pero que posteriores estimaciones elevarían a casi setenta mil. (CONTRERAS; CUETO, 2013, p. 377)<sup>6</sup>

As mortes aleatórias e a destruição de bens públicos e privados logo viriam a transformar os ideais do SL em terrorismo sem máscara, dirimindo a simpatia popular ao movimento, o que abriu espaço em favor da restauração da autoridade governamental, a qualquer preço (COTLER, 1997). Então, as forças armadas aliaram-se ao governo de Alberto Fujimori (1990-2000). O conluio deu ampla autonomia aos militares que, em troca, ofereceram apoio incondicional a Fujimori. Em 1982, o governo determinou que os militares deveriam interceptar e acabar com as ações do SL. Para isso, a polícia foi recrutada, assim como homens nos povoados. O que se seguiu foram anos de horror, tortura e mortes.

De acordo com Julio Cotler (1997), a forma violenta como o sendeiro irrompeu nas cidades e vilas de Ayacucho, aliada à repressão militar, colocaram os camponeses e as organizações sociais no meio de seu fogo cruzado. Havia, de um lado, os senderistas dispostos a tirar do poder os fazendeiros, assim como acabar com o capitalismo burocrático que sustentava a supremacia do feudalismo; bloquearam o acesso dos camponeses ao mercado e os sujeitaram ao trabalho coletivo para assim os controlar, executando pública e cruelmente aqueles que resistiram. Por outro lado, a retirada da polícia e a chegada dos militares em Ayacucho e arredores foram acompanhadas por repressão indiscriminada que custou a vida de milhares de pessoas ao longo de 20 anos.

Nessa batalha, a área mais afetada foi o distrito de Chungui. Por sua constituição geográfica, pelo distanciamento entre os povoados e pelo fato de a população ser basicamente de camponeses, era fácil subjugar-los e transformar aquele espaço em próprio. As tropas do governo instalaram bases nos povoados para conter tanto o avanço senderista quanto os possíveis seguidores do Sendero. Durante anos de truculência, a população aprendeu a temer o governo, os senderistas e também os seus iguais, já que, na tentativa de salvar-se ou mesmo por coação, muitos camponeses tornavam-se informantes do governo, do Sendero ou de

---

<sup>6</sup> “Sendero Luminoso, depois de certo apaziguamento de suas ações, iniciou o que considerava sua ofensiva final contra o “Estado fascista”, chegando a controlar várias regiões do país. Nas universidades públicas, escolas nacionais, fábricas e assentamentos humanos marginais conseguiu recrutar jovens militantes que viam sua ascensão social totalmente bloqueada e acreditavam encontrar no Sendero Luminoso uma identidade política e uma tarefa messiânica que os vestia com um projeto para o futuro. O Sendero Luminoso se aliou com o narcotráfico na selva, o que lhe muniu de recursos econômicos e logísticos suficientes para se equipar de modernos armamentos rápidos, incrementando sua capacidade de fogo. [...] As Forças Armadas respondiam muitas vezes às cegas, desencadeando uma guerra suja que inicialmente registrou vinte cinco mil mortos, mas que estimativas posteriores elevariam a quase setenta mil” (tradução nossa).

ambos: “Nunca sabíamos con quién estábamos tratando. Ni con mi mamá, ni con mi hermano, ni con mi vecino podría hablar. Todos éramos doble cara.” (THEIDON, 2004, p. 237)<sup>7</sup>. Neste sentido, merece atenção um fato óbvio, mas por vezes negligenciado nas discussões sobre as memórias do pós-guerra. O conflito armado foi uma guerra civil e, portanto, deixou marcas na própria convivência entre os sobreviventes: “¡Jesucristo, mira lo que hemos hecho entre prójimos!” (THEIDON, 2004, p.19).<sup>8</sup>

A Comisión de la Verdad y Reconciliación (CVR) compreende, como atores do conflito armado no Peru, entre 1980 e 2000, o SL (1979-1992), o Movimento Revolucionário Tupac Amaru (1984-199)<sup>9</sup> e o governo fujimorista (1990-2000). Essa divisão não é aceita por todos, o que nos coloca frente a um embate de memórias sobre *La guerra sucia*, criando a necessidade de definir de que governo pós-guerra estamos falando ou que autor ou historiador estamos citando, ou se quem conta ou apresenta determinada narrativa é da costa ou da serra. Só assim, podemos entrever as revelações de determinadas memórias e, no caso, de entender a dimensão do trabalho do antropólogo andino Edilberto Jiménez.

### **Faces da memória: a (re)conciliação e o trauma**

Com o fim da guerra com o SL e, alguns anos depois, do governo de Fujimori, em 2001 a Comissão de Verdade e Reconciliação começou suas atividades de investigação com relação às mortes ocorridas nas décadas de 1980 e 1990 em decorrência da catástrofe que foi a guerra entre o SL e o governo peruano. Mas, além da CRV, a tragédia de Ayacucho foi narrada de muitas formas e, atualmente, existem as mais variadas manifestações em torno da memória, nas quais a literatura tem um grande papel.

Escritores da costa, que pouco se interessavam pelos assuntos andinos, passaram a escrever romances sobre a guerra, entre os quais se destacam Alonso Cueto (*La hora azul*, 2005), Santiago Roncagliolo (*Abril rojo*, 2006) e mesmo o já consagrado Mario Vargas Llosa (*Lituma en los Andes*, 1993). Também a narrativa andina<sup>10</sup> tem revelado vários talentos, entre

---

<sup>7</sup> “Nunca sabíamos com quem estávamos tratando. Nem com minha mãe, nem com meu irmão, nem com meu vizinho podia falar. Todos éramos duas caras” (tradução nossa).

<sup>8</sup> “Jesus Cristo, olha o que fizemos entre nós mesmos!” (tradução nossa).

<sup>9</sup> O Movimento Revolucionário Tupac Amaru (MRTA) foi um grupo guerrilheiro peruano de extrema esquerda, fundado em 1982, que iniciou suas ações armadas em 1984, em luta contra o fascismo e o regime ditatorial peruano. Seu lema era *Patria o muerte, venceremos*.

<sup>10</sup> Também chamada de narrativa pós-indigenista, o principal diferencial desta literatura é ser escrita por escritores que embora vivam nos grandes centros, são provenientes dos Andes e, por conseguinte, conhecem, em profundidades, a cultura local.

eles Enrique Rosas Paravicino (*El gran Señor*, 1994) e Óscar Colchado Lucio (*Rosa Cuchillo*, 1997), autores que apresentam a guerra de uma perspectiva serrana. A lista de escritos literários sobre o tema é vastíssima e pode ser analisada em pesquisas de críticos como Mark Cox, Juan Carlos Galdo e Victor Vich. Este não é nosso foco de pesquisa, mas merece ser referido a fim de reforçar o papel da memória sobre o conflito armado para a identidade peruana.

Pese a isso, o *boom* de memória em torno do conflito interno encontra seus questionadores entre os estudiosos, como a historiadora Cecilia Méndez (2000) que percebe que, apesar da proliferação de textos: “Existe una tendencia a olvidar. [...] lo cierto es que hay una cierta amnesia sobre el pasado reciente – aquél marcado por casi una década y media de guerra interna - se constata no sólo entre los historiadores sino, en general, en la población” (MÉNDEZ, 2000, p. 231)<sup>11</sup>. Para Méndez, existe omissão a respeito das atrocidades cometidas durante a guerra suja e o “não querer saber” permeia a memória coletiva de vários setores da sociedade peruana.

Víctor Vich (2009a), investigador do Instituto de Estudios Peruanos (IEP), concorda com Méndez e acrescenta que os acontecimentos não foram suficientemente debatidos e as memórias passadas para as gerações seguintes estão sendo construídas com base em documentos oficiais estabelecidos pelas classes dominantes. “No saber”, “no escuchar” revelam o impacto da violência política na maneira que a nação peruana foi historicamente construída e imaginada. Assim, afirmações como “no supimos, no quisimos saber” assumem lugares comuns na sociedade civil, inclusive nas ações do próprio Estado que atribuiu o problema da violência política aos militares peruanos. O documento final da CVR, no entanto, responsabilizou tanto os senderistas quanto os militares pelas mortes ocorridas durante os embates. De acordo com Morriss:

El *Informe final* de la CVR responsabilizó principalmente el Sendero Luminoso por haber empezado la guerra y causado la mayoría de muertes (54%). También criticó a las fuerzas armadas por sus abusos y la ejecución de civiles, al gobierno civil por ceder su autoridad a los militares y los abusos de Fujimori, y a la sociedad peruana que permitió que pasara el conflicto por el racismo, la desigualdad y la complacencia frente a los atropellos generalizados contra los derechos humanos. En una serie de recomendaciones, propuso la CVR compensar a las víctimas, reformar el gobierno,

---

<sup>11</sup> “Existe uma tendência a esquecer. [...] o certo é que há uma certa amnésia sobre o passado recente – aquele marcado por quase uma década e meia de guerra interna – se constata não somente entre os historiadores como também, em geral, na população” (tradução nossa).

juzgar a los culpables y conmemorar el conflicto para que sea imposible olvidar los errores del pasado. (MORRISS, 2011, p. 9, grifos do autor)<sup>12</sup>.

Essa declaração causou o desagrado de muitos que não concordavam em responsabilizar soldados que deveriam ser tratados como heróis. Mesmo o testemunho de sobreviventes, relatando os abusos sofridos por inocentes nas mãos do exército, não mudou a opinião dessa parcela da população. É preciso deixar claro que nos referimos, até o momento, às memórias institucionalizadas, como a CVR, e às memórias da população que não esteve no fogo cruzado. Ao considerar as memórias da população ayacuchana, o tipo de lembranças sobre a guerra encontram-se em outra instância e a questão do esquecimento deve ser analisada com cautela, como veremos na sequência.

Em meio a essa profusão de sentimentos contrastantes, em uma região dilacerada por conta de convicções políticas, uma figura se aproxima com o intuito de conhecer a fundo o impacto da guerra sobre esse povo. O antropólogo Edilberto Jiménez se fez presente em Chungui, pela primeira vez, em 1996, como membro da equipe profissional do Centro de Desenvolvimento Agropecuário (CEDAP) e condutor do programa de rádio *Rimaykusunchik*<sup>13</sup> (SOUZA, 2015). A presença solidária de Jiménez na província possibilitou que os moradores passassem a confiar que seu interesse pelo povo era genuíno. Durante as suas visitas, Jiménez acompanhava as dificuldades que os sobreviventes enfrentavam e a persistência da violência, que só chegou realmente ao fim quando uma delegação de Chungui, encabeçada pelo prefeito, faz uma denúncia formal ao Congresso da República do Peru:

Envolvido nesse debate, Jiménez ouviu de diversas pessoas relatos que o deixaram comovido e, no intuito de responder, ativamente, a essa comoção, o antropólogo inicia o seu trabalho registrando os relatos dos moradores. Logo, solicita ajuda dos comitês de autodefesa, para que ele pudesse visitar outras comunidades da região com o objetivo de conhecer mais histórias e registrar mais testemunhos. O material recolhido foi entregue à CVR/Peru, e Jiménez passou a ser membro tanto dessa comissão quanto da COMISEDH<sup>14</sup>. (SOUZA, 2015, p. 152-153)

---

<sup>12</sup> “O Informe final da CVR responsabilizou principalmente o Sendero Luminoso por ter começado a guerra e causado a maioria das mortes (54%). Também criticou as forças armadas por seus abusos e a execução de civis, ao governo civil por ceder sua autoridade aos militares e aos abusos de Fujimori, e à sociedade peruana que permitiu que passasse o conflito pelo racismo, a desigualdade e a complacência frente aos atropelos generalizados contra os direitos humanos. Em uma série de recomendações, a CVR propôs compensar as vítimas, reformar o governo, julgar os culpados e comemorar o conflito para que seja impossível esquecer os erros do passado” (tradução nossa).

<sup>13</sup> *Rimaykusunchi*: Conversemos.

<sup>14</sup> Comisión de Derechos Humanos.

Jimenez conversou com sobreviventes do conflito político e pode ouvir seus relatos sobre aqueles anos truculentos. Essas narrativas foram reunidas no livro *Chungui: violencia y trazos de memoria*, publicado em 2005, no qual o antropólogo cria imagens que se relacionam com as falas dos sobreviventes do conflito armado.<sup>15</sup> Souza (2015) explica que os testemunhos dos sobreviventes de Chungui são parte de uma macronarrativa, já que possuem um valor de fonte histórica e jurídica e se referem a fatos reais testemunhados direta e indiretamente. Além disso, traduzem as recordações das testemunhas da narrativa oral para a escrita, do idioma quéchua para o castelhano. Assim, Jiménez traduziu<sup>16</sup> lembranças-imagens, recordadas oralmente, para lembranças-imagens visuais.

Edilberto Jiménez Quispe, nascido na região de Ayachucho, conhece profundamente a cultura do lugar. Ao escrever *Chungui*, Jiménez reuniu seus conhecimentos como jornalista, antropólogo e retabulista, profissão que o consagrou no país e no exterior, com exposições realizadas em Nuremberg e Tóquio, por exemplo. Jiménez vem de uma família de retabulistas, mas, segundo Pablo Rojas, prefaciador de *Chungui*, o artista logo abandonou o tradicionalismo e se voltou para questões mais urgentes do seu povo, razão por que converteu sua arte em um ato de protesto contra as atrocidades cometidas em Ayacucho (JIMÉNEZ, 2009, p. 15).

Rojas ainda destaca que as figuras de Jiménez assinalam as transformações no cotidiano da população ayacuchana, sob o jugo dos senderistas e pela chegada das forças policiais, além da constituição das *rondas* campesinas. Os *ronderos*<sup>17</sup> eram grupos paramilitares utilizados pelas forças armadas, com base no Decreto 741 de Alberto Fujimori, com o intuito de combater a influência dos senderistas e do MRTA:

En esos tiempos de matanza todo era miedo y los ronderos de Mollebamba daban miedo, pues allí estaba el cuartel de los militares. Los ronderos eran parte de los militares y salían juntos a buscar a los compañeros. Mataban a las personas para

---

<sup>15</sup> O Centro de Documentación e Investigación, do Ministério de Cultura peruano, disponibiliza integralmente o livro de Edilberto Jiménez, edição 2009, assim como outros livros e documentos que permitam a pesquisa a respeito dos anos de terror entre 1980 e 2000. Acesso pelo site <https://lum.cultura.pe/cdi/documento/chungui-violencia-y-trazos-de-memoria>.

<sup>16</sup> Optamos por utilizar o termo “traduzir”, considerando as acepções “interpretar” e “exprimir”, mais próximas da área da arte na qual se insere Jiménez. Nossa referência é o Dicionário Houaiss.

<sup>17</sup> Os *ronderos* são figuras conhecidas no Peru e é necessário distinguir as tradicionais *rondas* das milícias do período de guerra. Trata-se de grupos de campesinos que vigiam as fazendas, a fim de evitar crimes, sobretudo abigeato, contra os camponeses.

llevarse sus pertenencias y sus animales, para venderlos en Andahuaylas. (JIMÉNEZ, 2009, p. 269)<sup>18</sup>

O trabalho realizado por Jiménez possibilitou a muitas pessoas a oportunidade de externalizar um momento de suas vidas profundamente traumático. Esse ensejo que lhes foi oferecido de contar sua história abre, talvez, brecha para um processo de cura, da alma, do coração. Nos quatro capítulos do livro, o autor, além de refletir sobre os testemunhos das vítimas, também realiza uma cronologia dos atentados ocorridos no distrito (Fig. 1).



Fig. 1 - La fosa de Chunguiquasa (JIMÉNEZ, 2009, p.259)

Enquanto existe pressa em conciliar, em musealizar, em emblematizar, construindo uma história oficial ou um monumento que sintetize a dor, ao mesmo tempo em que, supostamente a apaga, alguns seguem perguntando sobre o que, de fato, aconteceu “entre prójimos”.<sup>19</sup> É precisamente este o ponto crucial da obra de Edilberto Jiménez.

### Memória e trauma: *es difícil recordar*<sup>20</sup>

<sup>18</sup> “Nesses tempos de matança tudo era medo e os patrulheiros de Mollebamba davam medo, pois ali estava o quartel dos militares. Os patrulheiros faziam parte dos militares e saíam juntos para buscar aos companheiros. Matavam às pessoas para levar seus pertences e seus animais, para vende-los em Andahuaylas” (tradução nossa).

<sup>19</sup> “Entre semelhantes” (Tradução nossa).

<sup>20</sup> Parte do relato de C.C., de Oronqoy, Chungui, 1985 (JIMÉNEZ, 2009, p.242).

Existe, inegavelmente, um *boom* da memória na atualidade. Narrativas (literárias ou não), monumentos, comissões, museus e eventos se propõem a romper com o silêncio e a refletir sobre conflitos que atentaram contra a vida e os direitos humanos. No entanto, o mesmo movimento que leva à conscientização pode banalizar os acontecimentos. Para Huyssen (2002), o processo midiático, assim como interesses de determinados grupos, transformam, por vezes, a memória em um artefato mercadológico, pois há quem a produza para que seja consumida o mais rapidamente possível.

Huyssen (2002) detecta que “o passado está vendendo mais que o futuro” (p. 24), o que pode torná-lo descartável. Esse tópico também interessa a Paul Ricoeur que questiona o memorialismo ancorado em acontecimentos históricos, pois teme “o inquietante espetáculo que apresentam o excesso de memória aqui, o excesso de esquecimento acolá, sem falar na influência das comemorações e dos erros da memória – e de esquecimento.” (RICOEUR, 2007, p. 17). Concomitantemente, parece-nos fundamental perceber que o esquecimento e a banalização da História podem levar, mais uma vez, à opressão, já que existe, efetivamente, uma política do esquecimento, situação que, segundo Saçço (2018), é vivenciada pelo Brasil atual.

No caso do Peru, Carlos Iván Degregori (2004) questiona o papel da memória quando manipulada por interesses políticos e demonstra estranhamento ante a rapidez com que as memórias foram organizadas logo após o fim do conflito armado interno:

Hasta principios del año 2000, pronosticar que pronto habría en el Perú una Comisión de la Verdad y Reconciliación (CVR) hubiera sonado excéntrico. ¿Cómo se abrió entonces una ventana de oportunidad para su creación apenas dieciocho meses después? ¿Cómo ha incidido su trabajo en la disputa sobre una historia hegemónica acerca del conflicto armado interno que vivió el país en las décadas de 1980 y 1990? ¿Cómo modifica la agenda intelectual y política su *Informe Final* presentado el 28 de agosto de 2003? (DEGREGORI, 2004, p. 75)<sup>21</sup>

[...] se había impuesto, más bien, una cierta narrativa sobre los años de violencia política. Una memoria salvadora, en la que los protagonistas centrales de la gesta pacificadora eran Alberto Fujimori y Wladimiro Montesinos. Las Fuerzas Armadas y Policiales aparecían como actores secundarios y las instituciones civiles y los ciudadanos de a pie como meros espectadores pasivos de ese drama en blanco y negro en el cual la encarnación del mal no eran solo Sendero Luminoso y el MRTA,

---

<sup>21</sup> “Até princípios do ano 2000, prever que haveria no Peru uma Comissão da Verdade e Reconciliação (CVR) teria soado excêntrico. Como se abriu uma janela de oportunidade para sua criação apenas dezoito meses depois? Como teria incidido seu trabalho na disputa sobre uma história hegemônica acerca do conflito armado interno que viveu o país nas décadas de 1980 e 1990? Como modifica a agenda intelectual e política seu Informe Final apresentado ao 28 de agosto de 2003?” (tradução nossa).

sino todos aquellos que discrepaban con la versión oficial sobre lo ocurrido en esos años. (DEGREGORI, 2004, p. 76)<sup>22</sup>

A denúncia do antropólogo não deixa dúvidas sobre o quão manipuláveis podem ser os discursos sobre o passado e, em um longo e aprofundado estudo, analisa as nuances internas e externas que construíram o *Informe*, destacando o feliz papel dos “empreendedores de la memoria”, grupos que articulavam ações a fim de garantir a democracia e expor os crimes e a violação aos direitos humanos. A socióloga argentina Elizabeth Jelín, responsável por cunhar o termo “empreendedores de la memoria” (2003, p. 48), chama a atenção para o fato que o esquecimento e o silêncio estão no centro de toda a narrativa sobre o passado e, nessa operação, podem ser excluídos eventos importantes pelas mais variadas razões, desde o livre arbítrio, passando, eventualmente, por interesses pessoais e/ou políticos, ou, ainda, por fatores traumáticos.

Partindo dessa perspectiva e retomando à musealização das memórias do conflito por parte do governo pós-guerra do Peru, merecem atenção as palavras de Victor Vich:

En primer lugar, el Museo de la Memoria no debería contar nuevamente la historia de los hechos en un sentido lineal, sino, más bien, **mostrar muchas imágenes de los hechos**. O sea, más que producir una determinada interpretación podría **intentar transmitir una experiencia**, activando el deseo por saber más. El visitante debería salir con ganas de informarse antes que con un mensaje “correcto”. En ese sentido, y desde el punto de vista formal, pienso que debería ser un museo donde las representaciones artísticas tengan un lugar central, porque el arte, las imágenes, tienen una capacidad de seducción mayor que la descripción racional de los hechos. En segundo lugar, creo que lo que el museo tiene que representar no solo son las distintas perspectivas de los actores sino los errores de todos nosotros, es decir, lo que hicimos mal. Me refiero a la necesidad de representar por igual la ideología sanguinaria de los grupos subversivos, las violaciones de derechos humanos de los militares, el centralismo limeño que se desentendió de lo que ocurría en los Andes y, sobre todo, la indiferencia vergonzosa de los partidos políticos que gobernaron y que casi se desentendieron del asunto. Lo que el museo tiene que representar es el error. (VICH, 2009, p. 6, grifos nossos)<sup>23</sup>

---

<sup>22</sup> “[...] se tinha imposto, ao contrário, uma certa narrativa sobre os anos de violência política. Uma memória salvadora, na qual os protagonistas centrais da gesta pacificadora eram Alberto Fujimori e Wladimiro Montesinos. As forças Armadas e Policiais apareciam como atores secundários e as instituições civis e os cidadãos de pé como meros espectadores passivos desse drama branco e preto no qual a encarnação do mal não eram somente Sendero Luminoso e o MRTA, senão todos aqueles que discordavam da versão oficial sobre o ocorrido nesses anos” (tradução nossa).

<sup>23</sup> “Em primeiro lugar, o Museu da Memória não deveria contar novamente a história dos feitos em um sentido linear, mas, ao contrário, mostrar muitas imagens dos feitos. Ou seja, mais que produzir uma determinada interpretação poderia tentar transmitir uma experiência, ativando o desejo por saber mais. O visitante deveria sair com vontade de se informar antes do que com uma mensagem “correto”. Nesse sentido, e desde o ponto de vista formal, penso que deveria ser um museu onde as representações artísticas tenham um lugar central, porque a arte, as imagens, têm uma capacidade de sedução maior que a descrição racional dos feitos. Em segundo lugar, acredito que o que o museu tem que representar não somente são as distintas perspectivas dos atores mas também os erros de todos nós, ou seja, o que fizemos de mal. Me refiro a necessidade de representar por igual a

Para o pesquisador e crítico literário, no entanto, não se trata somente de uma questão política, já que a literatura e a cultura também disputam sentidos e, conseqüentemente, têm interesses e se valem de determinados silêncios (VICH, 2009). A referência de Vich à literatura diz respeito ao *boom* de romances sobre a violência que literalmente explodiram no Peru pós-guerra, sobretudo narrativas de quem raramente esteve próximo à região andina em questão, como já referimos. Assim, o que enfatizamos neste estudo é o embate entre um olhar **de fora** e um olhar **a partir do conflito**. Também destacamos a diferença entre entender a vítima como objeto de estudo e ser a vítima.

Por essa razão, no que diz respeito ao sofrimento dos sobreviventes, não podemos deixar de referir à extensa pesquisa de Kimberly Theidon (2004) que, em meio à análise das facetas do impacto da guerra sobre a população campesina de Ayacucho, detectou o que, talvez, seja a forma mais contundente de violência. Ao buscar informações sobre as atividades das diversas ONGs na cidade de Lima, o diretor de uma das organizações explicou a Theidon que “Ellos no sufren como nosotros.” (p.53).<sup>24</sup> Essa prerrogativa permitiu ao diretor deduzir que “ellos ya han olvidado todo lo que pasó. Mira. Nosotros somos capaces de pensamiento abstracto, es por eso que hemos sufrido tanto. Pero ellos solo piensan de una manera muy concreta: solamente piensan en su pan del día y en sus animales” (THEIDON, 2004, p.53).<sup>25</sup>

Certamente, não podemos imaginar que essa forma de pensamento seja isolada. Existe, segundo constata Theidon, um “nós” e um “eles”, o que prova, em certa medida, que a cisão social no país continua após o conflito, o que traz conseqüências para o modo como as políticas públicas atendem aos traumas físicos e mentais advindos da guerra e de como a memória tem sido articulada em torno do conflito e de suas vítimas com o objetivo de, muitas vezes, gerar heróis e discursos conciliatórios. Essa delicada situação enaltece, ainda mais, o trabalho de Edilberto Jiménez, dada a atenção que dedica a efetivamente ouvir os campesinos. Sua pesquisa não deixa dúvidas de que “eles” sofrem, sim, e que a guerra não ficou para trás na memória de quem foi alvo de todo o tipo de atrocidade (Fig. 2).

---

ideologia sanguinária dos grupos subversivos, as violações de direitos humanos dos militares, o centralismo limenho que se desentendeu do que ocorria nos Andes e, sobretudo, a indiferença vergonhosa dos partidos políticos que governaram e que quase se desentenderam do assunto. O que o museu tem que representar é o erro” (tradução nossa).

<sup>24</sup> “Eles não sofrem como nós” (tradução nossa).

<sup>25</sup> “Eles já esqueceram tudo o que passou. Olha, nós somos capazes de pensamento abstrato, é por isso que sofremos tanto. Mas eles só pensam de uma maneira muito concreta: só pensam no seu pão de cada dia e em seus animais” (tradução nossa).



Fig. 2 - Todo era un sufrimiento para los que no tenían padre ni madre (JIMÉNEZ, 2009, p.193)

Jiménez buscou captar o trauma e o sofrimento pelo qual passou cada um dos sobreviventes que se dispôs a conversar. A solidão provocada pela orfandade, por exemplo, simbolizada na imagem da criança no centro de um cemitério. Muitos campesinos depuseram para a CVR e para outras instituições e estudiosos. Mas é preciso considerar a diferença de estar diante uma espécie de tribunal e de estar em seu próprios meio, entre os seus – aqueles que restaram – e contar a sua história. As imagens de Jiménez mostram um ouvinte atento não apenas ao acontecimento em si, mas um diálogo com a testemunha. De acordo com Elizabeth Jelín, “cuando se abre el camino al diálogo, quien habla y quien escucha comienzan a nombrar, a dar sentido, a construir memorias. Pero se necesitan ambos, interactuando en un escenario compartido.” (2012, p. 84)<sup>26</sup>

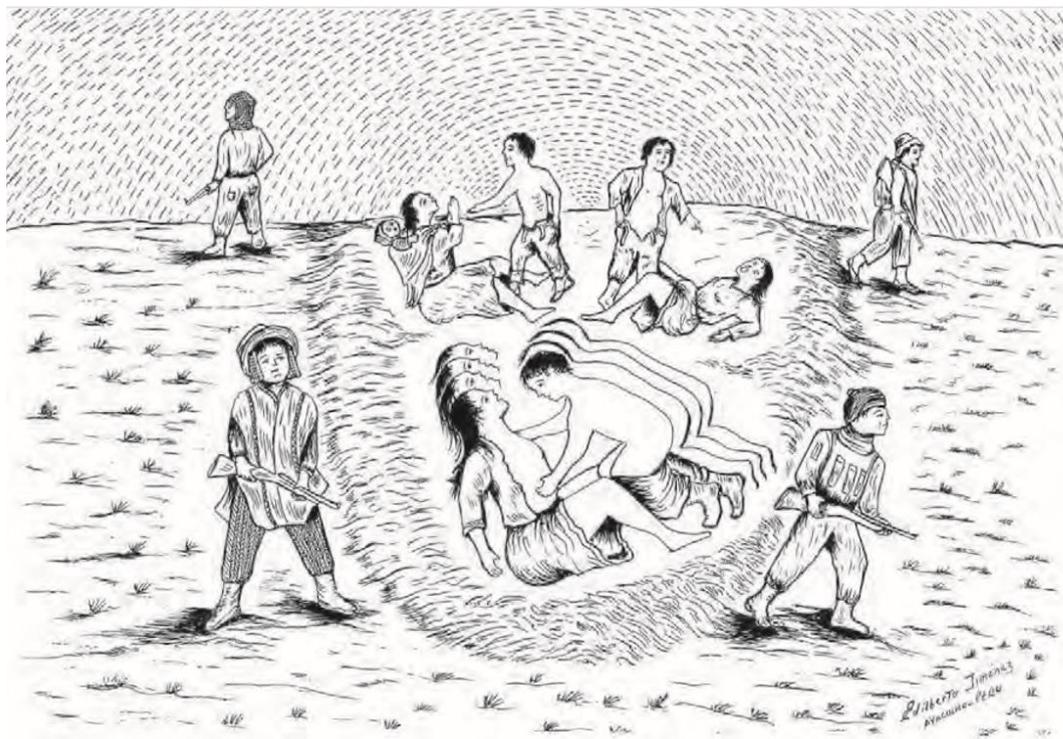
Jelín (2012) chama a atenção para o fato que o esquecimento e o silêncio estão no centro de toda a narrativa sobre o passado, já que não é possível lembrar de tudo e narrar exige que se tome uma decisão sobre o que contar. Nessa operação, podem ser excluídos eventos importantes pelas mais variadas razões, desde o livre arbítrio, passando,

<sup>26</sup> “quando se abre o caminho ao diálogo, quem fala e quem escuta começam a nomear, a dar sentido, a construir memória. Mas se necessitam de ambos, interactuando em um cenário compartilhado” (Tradução nossa).

eventualmente, por interesses pessoais e/ou políticos, ou, ainda, por fatores traumáticos. Nos relatos apresentados por Jiménez, está subentendido, em muitos depoimentos, o desejo de esquecer, de deixar para trás. Mas, ao mesmo tempo, evidencia-se no lamento e na descrição de cenas realmente trágicas – como o assassinato de filhos pequenos diante das mães – que o esquecimento é impossível ou, pior, que ocultar o ocorrido poderá trazer consequências trágicas.

Eviatar Zerubavel (2006), sociólogo israelense, costuma utilizar a expressão “o elefante na sala” (*The elephant in the room*) para referir-se a casos em que as pessoas decidem, consciente ou inconscientemente, ignorar um problema, por maior que seja. É um processo frequente em sobreviventes de genocídios ou de guerras. Compartilhar a experiência é revivê-la. Fazê-lo significa reviver o trauma e prolongar, através da família, o sofrimento pelo qual passou. Podemos citar, como exemplo, a síndrome de “la teta asustada”, uma enfermidade que afetou as mulheres estupradas durante a guerra. As crianças, frutos das violações, ao absorverem o leite materno (la teta asustada), desenvolviam diferentes problemas de ordem psicológica (THEIDON, 2004).

A discussão de alguns traumas resultantes dessas situações-limite se tornam tabus. Logo, ninguém fala ou pergunta a respeito. Aparentemente, o silêncio protegeria do medo, da dor ou de uma possível punição. Mas, na base de tudo, pode estar a vergonha, sentimento infelizmente comum em mulheres que sobreviveram à tortura e à violência sexual (DUCHARM, 2016). Infelizmente, o estupro é uma fonte constante de silenciamento, já que a sociedade costuma, muitas vezes, incluir a própria vítima no julgamento, questionando antes o “comportamento” da vítima do que a ação do algoz. No texto de Jiménez, são muitas as referências sobre as violações ocorridas e também sobre as consequências físicas, sociais e psicológicas nas vítimas (Fig. 3):



**Y TUVIERON QUE PERMANECER CALLADAS**

Durante y después de la violencia son las mujeres las que sufrieron y sufren las desgracias psicológicas y físicamente. Ellas han sufrido en su mayoría las violaciones sexuales por parte de los militares y rondas campesinas. Muchas de ellas perdieron a sus esposos en la época de la violencia y se quedaron como viudas, **otras quedaron como madres solteras, otras dejadas por sus esposos por culpa de los abusos sufridos** o por la muerte o desaparición de sus parejas. Muchas de ellas volvieron a casarse para seguir viviendo, luego volvieron a tener hijos, muchos hijos. Para ellas solo son sus lágrimas y lágrimas hasta ahora. No hay apoyo, tampoco justicia, están enfermas y así han venido muriendo sin reparo de nadie (JIMÉNEZ, 2009, p. 305, grifos nossos).<sup>27</sup>

A narrativa procura traduzir, ao menos em parte, a violência sofrida pelas mulheres durante aqueles anos. Para os agressores, não importava se eram mães ou meninas. Caladas, elas suportaram a humilhação e guardaram o trauma do estupro junto a outros que já se acumulavam em suas almas. No entanto, por mais variadas que sejam as formas de silenciamento ou as tentativas de esquecer, nada é capaz de impedir que o trauma se instaure entre sobreviventes. O “elefante” inevitavelmente se infiltra na sala e se manifesta em forma

<sup>27</sup> “Durante e depois da violência, são as mulheres que sofreram e sofrem os infortúnios psicológica e físicamente. A maioria deles foi estuprada por patrulhas militares e camponesas. Muitas delas perderam o marido no momento da violência e ficaram viúvas, outras foram abandonadas como mães solteiras, outras foram abandonadas pelos maridos por causa dos abusos sofridos ou por causa da morte ou desaparecimento de seus companheiros. Muitas delas casaram novamente para continuar vivendo, depois tiveram filhos de novo, muitos filhos. Para elas, são apenas lágrimas e lágrimas até agora. Não há apoio, não há justiça, elas estão doentes e, portanto, vão morrendo sem que ninguém repare” (tradução nossa).

de pesadelos, doenças mentais, alcoolismo ou suicídio (ZERUBAVEL, 2006).

O relato supracitado, assim como outros da obra de Jiménez, revelam precisamente o quanto o “depois” é significativo para a vida das pessoas que sobrevivem a tragédias desse nível. Embora as ações do CVR, de historiadores e mesmo de escritores sejam de inegável importância, é necessário atentar para a questão da memória como um processo que não estanca em monumentos ou em arquivos, por mais significativos que possam ser. Voltando ao episódio testemunhado por Theidon de que “ellos no sufren como nosotros”, podemos dizer que o trabalho de Jiménez comprova uma realidade bastante distinta. A concretude da vida campesina exige, sim, seguir vivendo, a despeito do que passou. Por outro lado, os relatos mostram o descaso ante esse “outro” que vive na distante serra, pois **“Não há apoio, não há justiça, elas estão doentes e, portanto, vão morrendo sem que ninguém repare.”** (JIMÉNEZ, 2009, p. 305, grifos nossos). Jiménez, quando escreve sobre a violência, demonstra seu ressentimento em relação às autoridades que abandonaram a região:

A pesar de tanta violencia, estas poblaciones de Oreja de Perro<sup>28</sup> viven en su pobreza y en el olvido de las autoridades. La educación no es atendida y siguen los niños caminando kilómetros para encontrar una escuela. Para curarse de sus enfermedades los pobladores deben caminar grandes distancias en busca de un centro de salud donde en verdad apenas hay pastillas de Aspirina, Diazepam y preservativos. Siguen sembrando y criando sus animales sin capacitación alguna por técnicos del Ministerio de Agricultura (JIMÉNEZ, 2009, p. 125).<sup>29</sup>

A situação apresentada por Jiménez, apoiada pelo seu conhecimento da região, do povo e do cotidiano daquelas pessoas esclarece que *La guerra sucia* foi um agravante sem precedentes na vida dos ayacuchanos. Passado o conflito, podemos dizer, com poucas chances de erro, que parte da tentativa de trazer a verdade para uma reconciliação, deixou de contemplar os principais envolvidos nos eventos cruciais para a construção de memórias sobre o conflito. Com isso, ratifica-se a importância dessas memórias trazidas por Jiménez sobre o povo de Chungui.

---

<sup>28</sup> Comunidade campesina localizada no distrito de Chungui. O nome se deve ao formato do lugar.

<sup>29</sup> “Apesar de tanta violência, essas populações de Oreja de Perro vivem na pobreza e no esquecimento das autoridades. A educação não é atendida e as crianças continuam a caminhar quilômetros para encontrar uma escola. Para serem curados de suas doenças, os moradores devem caminhar longas distâncias em busca de um centro de saúde onde tem apenas Aspirina, Diazepam e preservativos. Eles continuam semeando e criando seus animais sem nenhum treinamento de técnicos do Ministério da Agricultura” (tradução nossa).

Segundo Márcio Seligmann-Silva (2012), quando escapamos da morte, a narrativa desse trauma deve servir não apenas para que este não seja esquecido, mas também como uma forma de impedir a volta da violência que tende a se alastrar de forma repetitiva, tanto individual como coletiva. Por isso, é necessário enfrentá-la tanto social e política como juridicamente. O testemunho é como fonte de luta contra a violência em prol dos direitos humanos e encarado de forma crítica, ou seja, como exercício de rememoração da injustiça sofrida, como construção de uma memória que nos auxilie a barrar a repetição mimética da violência. O testemunho verdadeiro não é apenas uma repetição do que se passou no passado, mas a construção do presente, a reconstrução do mal sofrido e a preparação contra sua potencial volta.

### **Considerações finais**

Embora, segundo Burke (2004), um testemunho de imagens ofereça a vantagem de comunicar “o que um texto leva muito mais tempo para descrever de forma mais vaga” (p. 101), a leitura da obra de Jiménez nos permite dizer que o retabulista se coloca claramente como um coadjuvante em sua condição de artista. Ele poderia valer-se apenas das imagens e do texto que introduz o livro. Mas, ainda que as imagens sejam narrativas – é possível perceber uma linearidade de acontecimentos – elas vêm marcadas sempre por uma fala campesina que interfere na imagem, deixando claro, do nosso ponto de vista, que o protagonismo do texto cabe a mulheres, crianças e homens vítimas daquele holocausto.

O conflito armado interno do Peru deixou marcas indeléveis em milhares de sobreviventes, após anos de uma guerra por poder político. *La guerra sucia* não mediu consequências e resultou em violência sem precedentes na história peruana. Nas narrativas dos sobreviventes é possível perceber o trauma que permanece através dos anos, devido à perda de entes queridos e às variadas formas de abuso e humilhação. Os testemunhos feitos pelas vítimas tornaram-se um modo de expurgar os fantasmas que permaneciam guardados em seu interior, levando a uma possível cura, ou ao início dela, para que possam dar continuidade à vida com menos angústia.

Edilberto Jiménez se propôs a traduzir, por meio de imagens, os relatos dos sobreviventes de Chungui. Não há maneira de ser totalmente fiel da escrita para a imagem, já que a primeira possibilita maior amplitude de expressão por conta dos signos linguísticos.

Apesar disso, Jiménez foi um ouvinte perspicaz das experiências dos sobreviventes, sem sobrepor-se a eles. O conflito armado interno peruano não fez concessões. Indiferentes à vida de inocentes, os senderistas, as forças armadas, os *ronderos* e outras milícias transformaram Chungui em um campo de batalha passível de abusos de toda ordem. Quando, por fim, o conflito se encerrou, iniciou-se outra batalha, evidentemente menos letal, mas de importância ímpar: a batalha de memórias.

Edilberto Jiménez, ao apresentar os relatos e denunciar que pouca coisa mudou na ordem social da região atingida pela guerra, questiona se a memória veiculada pela tentativa de reconciliação realmente atingiu os seus objetivos no Peru. Chungui, enquanto livro de Jiménez e enquanto lugar de conflito, revela o quanto a violência pode ser ambígua quando deixa de ser concreta.

## Referências

- BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- CONTRERAS, Carlos; CUETO, Marcos. *Historia del Perú contemporáneo*. 5. ed. Lima: IEP, 2013.
- COTLER, Julio. El Sendero Luminoso de la destrucción. *Nueva sociedad*, Buenos Aires, n. 150. 1997. Disponível em: [https://nuso.org/media/articles/downloads/2613\\_1.pdf](https://nuso.org/media/articles/downloads/2613_1.pdf). Acesso em: 01 jul. 2021.
- DEGREGORI, Iván C. Heridas abiertas, derechos esquivos: reflexiones sobre la comisión de La verdad y reconciliación. In: BELAY, Raynald; BRACAMONTE, Jorge; DEGREGORI, Iván C.; VACHER, J. Jean. *Memorias en conflicto: aspectos de la violencia política contemporánea*. Lima: IEP, 2004. p. 75-86.
- DICIONÁRIO ONLINE HOUAISS. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/houaiss/>. Acesso em: 28 jul. 2021.
- DUCHARM, Savannah. Las sobrevivientes: La represión social y política del trauma sufrido de las mujeres desde la dictadura (2016). *Independent Study Project (ISP) Collection*. 2326. Disponível em: [https://digitalcollections.sit.edu/isp\\_collection/2326](https://digitalcollections.sit.edu/isp_collection/2326). Acesso em: 21 jul. 2021.
- HUYSSSEN, Andreas. *En busca del futuro perdido*. Cultura y memoria en tiempos de globalización. México, FCE, 2002.
- JELÍN, Elizabeth. *Jamás tan cerca arremetió lo lejos*. Memoria y violencia política en el Perú. Lima: IEP, 2003.
- JELÍN, Elizabeth. *Los trabajos de la memoria*. Lima: IEP, 2012.
- JIMÉNEZ, Edilberto. *Chungui: violencia y trazos de memoria*. 2. ed. Lima: IEP, 2009.
- MÉNDEZ, G. Cecilia. La tentación del olvido: guerra, nacionalismo e historia en el Perú. *Diálogos en historia*, n. 2, p. 231-248, Grupo de estudios e investigaciones Clío. Lima 2000. Disponível em: [www.cholonautas.edu.pe](http://www.cholonautas.edu.pe). Acesso em: 25 jul. 2021.
- MORRIS, Christopher Akos. *La novela y la memoria del conflicto armado de Sendero Luminoso en el Perú*. University of Vermont: Burlington, 2011. Disponível em: [https://www.verdadyreconciliacionperu.com/admin/files/libros/713\\_digitalizacion.pdf](https://www.verdadyreconciliacionperu.com/admin/files/libros/713_digitalizacion.pdf). Acesso em: 01 jul. 2021.

- RÉNIQUE, José Luis. *A revolução peruana*. São Paulo: UNESP, 2009.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.
- SAÇÇO, Roberta. Memória e esquecimento no pós-guerra. *Revista Darandina*, v. 11, n. 1, jun. 2018 Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/darandina/article/view/28085>. Acesso em: 18 mar. 2021.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. Direito pós-fáustico: por um novo tribunal como espaço de rememoração e elaboração dos traumas sociais. In: ARAUJO, Maria Paula; FICO, Carlos; GRIN, Monica (Orgs). *Violência na história: memória, trauma e reparação*. Rio de Janeiro: Ponteio, 2012.
- SOUZA, Carla Dameane P. de. A memória do conflito armado interno do Peru (1980-2000) em imagens visuais e sua relação com testemunhos literários reais e ficcionais. In: CARDOSO, Rosane Maria (Org). *Voz, memória e literatura: narrativas sobre a violência na América Latina*. Curitiba: Appris, 2015.
- THEIDON, Kimberly. *Entre prójimos: el conflicto armado interno y la política de reconciliación en el Perú*. Lima: IEP, 2004.
- VICH, Víctor. Violencia, culpa y repetición: La hora azul de Alonso Cueto. In: UBILLUZ, Juan Carlos; HIBBETT, Alexandra; VICH, Víctor. *Contra el sueño de los justos: La literatura peruana ante la violencia política*. Lima: IEP, 2009.
- VICH, Víctor. Una violencia de novela. *Revista Quehacer*. Janeiro, 2009a. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/51324038/VICTOR-VICH-Una-violencia-de-novela-entrevista>. Acesso em: 28 jun. 2021.
- ZERUBAVEL, Eviatar. *The elephant in the room: silence and denial in everyday life*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

Recebido em: 29/07/2021; Aceito em: 12/08/2021.